



## PRÁXIS EPISTÊMICA E A BUSCA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA ANTICOLONIAL

DOI 10.5281/zenodo.8332695

### EPISTEMIC PRAXIS AND THE SEARCH FOR TEACHING GEOGRAPHY FROM AN ANTICOLONIAL PERSPECTIVE

Jônatas Reis da Silva<sup>1</sup>

jonatas.reis009@gmail.com

Josiane de Jesus Brandão<sup>2</sup>

jossybrandao25@gmail.com

1

#### RESUMO

A educação anticolonial baseia-se na desconstrução da imagem das classes dominantes e permite aos grupos subalternizados a superação da violência, racismo e preconceitos ao qual foram e são sujeitos ao longo de sua vida, possibilitando o reconhecimento de sua identidade e ancestralidade. A finalidade deste artigo é expor a importância e necessidade das discussões sobre a perspectiva anticolonial e o ensino de geografia, objetivando a promoção de uma educação com base no respeito, na diversidade e livre de preconceitos. Para tanto realizamos uma breve reflexão acerca de tal temática. Desta forma, entendendo que nossa sociedade foi fundada sob uma perspectiva colonial, e que a mesma esta dentro da escolas, e que o convívio escolar produz e reproduz representações coloniais que deve ser examinadas para que não ocorra a manutenção da discriminação e de preconceitos que dão origem a situações desconfortáveis para meninas e meninos. Refletindo sobre tal questão, percebe-se a urgência e necessidade do debate sobre a temática anticolonial para que possamos realizar uma prática que respeite as diferenças, e os saberes que foram por muitos anos subalternizados, por meio de uma educação que está centrada na descolonização das instituições escolares, na construção da identidade individual e coletiva de cada sujeito, na cultura e nas práticas educacionais.

**Palavras chave:** Anticolonial, Ensino de Geografia, Educação.

#### ABSTRACT

Anti-colonial education is based on deconstructing the image of the dominant classes and allows subaltern groups to overcome the violence, racism and prejudices to which they have been and are subjected throughout their lives, enabling the recognition of their identity and ancestry. The purpose of this article is to expose the importance and necessity of discussions about the anti-colonial perspective and the teaching of geography, aiming to promote an education based on respect, diversity and free of prejudice. Therefore, we carried out a brief reflection on this theme. In this way, understanding that our society was founded under a colonial perspective, and that it is within schools, and that school life produces and reproduces colonial representations that must be examined so that the maintenance of discrimination and prejudices that give rise to giving rise to uncomfortable situations for both girls and boys. Reflecting on this issue, one perceives the urgency and need for the debate on the anti-colonial theme so that we can carry out a practice that respects differences, and the knowledge that has been subordinated for many years, through an education that is centered on the decolonization of school institutions, in the construction of the individual and collective identity of each subject, in the culture and educational practices.

**Keywords:** Anticolonial, Geography Teaching, Education.

<sup>1</sup> Licenciando em Geografia, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina-BA, É membro do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM - UFF/CNPq) e do Laboratório de Pesquisa Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO/ DCH IV).

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina-BA, membro do Laboratório de Pesquisa Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO/ DCH IV).



## Introdução

Nos últimos anos, temáticas acerca do ensino anticolonial<sup>3</sup> têm sido amplamente discutidas nas mais variadas áreas das ciências sociais e na educação, principalmente, dentro da ciência geográfica. Os estudos anticoloniais surgem como busca por moldes epistemológicos contrários a epistemologia colonial, eurocêntrica, machista e patriarcal.

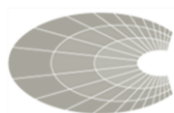
O pensamento anticolonial vem sendo debatido e problematizado por vários intelectuais no campo das ciências sociais e da educação, dentre eles Tulio Barbosa (2020), Lair Silva (2021), Gilson Santos (2022) e Edy Faria (2022). De modo geral, é destacada a urgência dos estudos anticoloniais para que ocorra a ruptura da geografia colonial, tanto no ensino escolar quanto no universitário. Nessa perspectiva, para que o rompimento colonial aconteça é necessário a construção de uma práxis epistêmica anticolonial, valorizando saberes que foram apagados e desvalorizados pelo sistema branco-centrismo europeu.

O presente trabalho tem como objetivo apontar propostas reflexivas para revermos e repensarmos as matrizes eurocêntricas no ensino de geografia, buscando modificá-las com a finalidade de reescrever a historicidade e geografia sob a ótica dos povos que foram colonizados e subalternizados no processo formativo da sociedade contemporânea. A partir disso, este trabalho visa discutir, por meio da revisão bibliográfica, a partir do levantamento de fontes secundárias, selecionando produções com abordagem ao conceito de anticolonialidade, sobretudo, dando ênfase no ensino de geografia, e na práxis epistêmica sob a perspectiva anticolonial, a partir de pesquisas em bases de dados nacionais como: CAPES, Scielo, Google Acadêmico e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações utilizando as palavras-chave (e descritores) anticolonial, anticolonialidade, práxis epistêmica, ensino de geografia.

Diante disso, é necessário que quebrems as amarras coloniais e valorizemos os saberes que foram continuamente rejeitados pois não atendiam às normas e padrões eurocêntricos. De modo algum procurando do mesmo modo eliminar as manchas e cicatrizes deixadas pela

---

<sup>3</sup> O emprego frequente de terminologias como pós-colonial, decolonial, anticolonial ou ainda descolonização pode remeter erroneamente ao entendimento de que se tratam de diferentes termos para uma mesma definição. No entanto, ainda que todos façam referência direta à questão colonial partindo do ponto de vista do sujeito colonizado/subalternizado, tais terminologias são conceitualmente diferentes. Enquanto a anticolonialidade pode ser designada como uma tomada de posição crítica frente aos processos de colonização e efeitos da colonialidade, o conceito de decolonialidade está relacionado à teoria crítica latino-americana desenvolvida pelo movimento Modernidade/Colonialidade, que tem como objetivo evidenciar os mecanismos através dos quais a colonialidade se perpetua na atualidade e promover a descolonização – no sentido de libertação – do poder, do saber e do ser.





colonização, e sim corroborando e oferecendo uma perspectiva crítica e hipotética de rasgar, dilacerar o cenário eurocêntrico no ensino de geografia.

Consequentemente, para suprimir o sistema colonial homogeneizante enraizado na educação brasileira e fomentar uma educação diversa, plural e emancipatória que descortine os grupos subalternos e silenciados, é essencial ruminamos pedagogias anticoloniais, partindo do princípio da valorização da diversidade de pensamentos, onde a heterogeneidade seja o sul das discussões anticoloniais.

De acordo com Barbosa (2022, p. 8): “A construção de uma dialética anticolonial passa pela liberdade e pela intervenção direta na realidade. As contradições e a luta dos contrários é o ponto nevrálgico desse processo”; dessarte a luta anticolonialista, conforme Barbosa (2022, p. 8): “[...] rompe com o estabelecido e promove uma dialética que dialoga sempre com o rompimento e jamais com a síntese”.

Desta forma, a geografia, tem desempenhado um papel fundamental na redefinição das questões ligadas à luta anticolonial que têm sido tão deturpadas cotidianamente. Como destaca a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Geografia “[...] favorece o reconhecimento da diversidade e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade sem preconceitos étnicos, de gênero ou de qualquer outro tipo) [...]” (BNCC, 2016, p. 313).

Apontar estudos e trabalhar o ensino anticolonial e antirracista na atualidade é produzir fatalmente um enfrentamento ao método de ensino colonial. É necessário apurar as raízes do sistema educacional brasileiro, sistema esse afeiçoado em vieses tradicionalistas e coloniais. Transgredir estas normas entranhadas socialmente é propor um enfrentamento interminável que, de modo geral, não parece ser simples, contudo, primordial no estímulo do ensino de geografia anticolonial e antirracista por uma educação libertadora.

Evidencia-se que tanto o ensino de geografia quanto sua metodologia desempenham um papel importantíssimo no enfrentamento à colonialidade, proporcionando reverberações acerca do ensino tradicional, possibilitando a ruptura dos entraves objetivos e subjetivos. Evidente que os dois, o ensino de geografia e a anticolonialidade, viabilizam a incorporação de diferentes meios de se executar a práxis epistêmica, uma troca de informações muito rica por meio da interação com os sujeitos envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

### O que é educação anticolonial?





No Brasil, as instituições escolares são vistas como as principais representantes das ações educacionais no país, contudo, as mesmas vêm sofrendo repetidos ataques de um Estado político que busca a alienação da população, de modo significativo. Segundo Xavier, Ribeiro e Noronha (1994, p. 238) apud Azevedo (2019, p. 5), “a política educacional não tem uma trajetória autônoma em relação ao desenvolvimento histórico da formação social brasileira”. Nessa perspectiva, esse quadro político visa validar seu olhar discriminatório e preconceituoso, a fim de disseminar seu olhar segregatório em meio a sociedade, com o intuito de diminuir as oportunidades para determinados grupos sociais.

Que grupos sociais são esses? Como esses atos discriminatórios acontecem? são alguns questionamentos que podem vir a surgir. Bem a escola é uma instituição que corrobora com alguns estereótipos, esse conceito por sua vez, incentiva de certa forma a inferiorização e discriminação de pessoas negras, indígenas e LGBTQIAP+. Cabe salientar que não temos o intuito de atribuir tais preconceitos às unidades escolares, tendo em vista que o racismo, a homofobia, e o sexismo estão enraizados na estrutura social e influenciam nas relações sociais, políticas e culturais. Refere-se a um processo histórico no qual as classes privilegiadas oprimem e exploram as classes menos favorecidas.

A escola, por sua vez, é um espaço formador e torna-se um ponto estratégico para semear pensamentos e ideias racistas, sexistas e homofóbicas. Nessa lógica, a escola deve ser vista como um espaço de aprendizagem, onde os professores e demais colaboradores tenham liberdade e autonomia de refletir seus pensamentos, não no intuito de alienar os educandos, mas na tentativa de fazer-los avaliar sua posição na sociedade, objetivando a formação cidadão de sujeitos críticos, atuantes e pensantes.

A Teoria Anticolonial visa evidenciar os impactos causados pela alienação e exploração de corpos e ideias no processo formativo do Brasil e demais países colonizados, provocados pela fúria capitalista que buscava o lucro e o acúmulo de bens e riquezas (AZEVEDO, 2019).

A dominação num sistema colonial não se limita ao campo empírico, mas, por se tratar de uma ideologia, provoca no próprio colonizado as consequências de seu controle, pois estabelece através da sua desumanização a noção de legitimidade para com as atrocidades que lhes são impostas, não tendo como libertá-lo de uma condição opressora, se para ele esta é legítima. Por este motivo, é relevante delimitar-se na atualidade como se proceder para educar os oprimidos aos processos de descolonização (LINS, 2020, p. 38).





Vale ressaltar, que a Teoria Anticolonial não exime dos processos educativos as relações políticas, econômicas e sociais que envolvem a sociedade. Nesse sentido, o Estado deve legitimar os direitos democráticos dos cidadãos.

A Teoria anticolonial, desta forma envolve o conjunto de processos que se aplicam a realidade social e que em nosso projeto possibilita traçar uma configuração mais ampla das características dos países subdesenvolvidos, particularmente do Brasil. Assim, através de mecanismos de controle e condução da política educacional a máquina governamental neoliberal consegue criar as condições necessárias para manter os níveis de aprendizagem aquém do esperado e perpetuar a pobreza, somada a restrita democracia em uma sociedade em que a cidadania caminha a passos lentos (AZEVEDO, 2019, p. 7).

5

A educação no Brasil, não é homogênea, uma vez que, engloba a pluralidade e a singularidade de cada região, assim como envolve as especificidades individuais e coletivas de cada unidade escolar. Diante desse cenário, é fundamental que se pense e organize as práticas pedagógicas de acordo com as necessidades de cada indivíduo. Por esse viés, é de suma importância compreender as variadas práticas e metodologias de ensino, buscando a conscientização das formas de dominação e discriminação que acontecem por meio dos mecanismos de educação.

No que tange às relações de subalternidade e inferioridade a que determinados sujeitos são expostos, vale ressaltar o protagonismo desses seres, uma vez que, os mesmos tornaram-se símbolos de resistência e resiliência. Nessa ótica conhecimentos relativos a espacialidade e a produção de saberes por intermédio do pensamento crítico, impulsiona a ruptura desse sistema centrado no eurocentrismo e na visão distorcida do colonizador, que busca perpetuar um modelo educacional, onde os educandos sejam moldados, e por assim dizer domesticados com o propósito de suprimir sua liberdade de manifestar-se enquanto indivíduo, da mesma forma que visa descaracterizar sua identidade e ancestralidade. Portanto, para a implantação de uma educação anticolonial, procura-se conscientizar os sujeitos de seu papel na sociedade e a valorização da sua identidade social.

### **Pelo ensino de geografia emancipatório e anticolonialista**

A datar de sua origem o sistema educacional brasileiro têm um caráter hegemônico, colonial e eurocêntrico, condicionado em uma postura onde seus propósitos são acordadas em atos de formas dominadoras e autoritárias, validadas por paradigmas políticos e educacionais eurocênicos, paradigmas estes criados com o intuito de atender a classe dominante e a





colonialidade interna que é responsável por ampliar as desigualdades, o preconceito e a exclusão social.

A colonialidade deixou uma série de mazelas e discriminações que estão presentes na contemporaneidade. Neste âmbito, é necessário que nós professores e professoras nos atentemos a colonialidade estrutural que precisa ser extinguida e combatida, uma vez que a mesma é um resquício da nossa formação social estando intimamente ligada a nossa sociedade, evidenciada nas mais diversas formas nas instituições políticas e acadêmicas através do silenciamento e opressão dos povos negros, quilombolas e indígenas.

Ainda que muito debatida, a educação emancipatória brasileira, até então tem enfrentado dificuldades para ser trabalhada, pois a educação tradicionalista ainda é muito forte em nosso sistema de educação. Por isso, anticolonialidade configura-se como um expediente importante para completar os hiatos deixados pela formação colonial. Uma vez que a educação tradicional, é um modelo que reproduz e perpetua o colonialismo. Os escritos de Paulo Freire, expõe argumentos para uma educação libertadora, emancipatória e anticolonial, com ideias, conceitos e concepções que se enquadrem em epistemologias anticoloniais.

De acordo com a concepção de Oliveira e Oliveira (2022, p. 62):

A colonialidade se manifesta como a negação epistêmica dos modos distintos de ser e estar no mundo. Assim, o rompimento com as estruturas de colonização e seus marcos de referência científicos e geográficos pressupõe o fortalecimento da memória coletiva que se opõe a dominação eurocêntrica.

Para esse propósito, torna-se necessário que haja a desconstrução colonial dos currículos e das bibliografias dos institutos educacionais dos anos iniciais ao ensino superior. Essa é uma das alternativas para lutarmos contra o colonialismo presente nas instituições escolares. Esta luta e resistência é concebida e realizada por intelectuais negros e indígenas, professores e professoras e até mesmo por alunos e alunas, que entregues e comprometidos na luta anticolonial, na busca pela ruptura desta faceta colonial em que estamos inseridos. Nesse contexto, é de suma importância compreender quais os procedimentos necessários para educar-se as classes oprimidas no processo descolonial.

O sistema colonial de dominação não é limitado somente ao campo empírico, trata-se de uma ideologia, que fomenta no próprio colonizado a crença que suas ações desumanas são legítimas, uma vez que, no seu consciente as barbáries cometidas contra determinados grupos sociais são legitimadas pela sua “superioridade” (LINS et al, 2022).





Para que o colonizado adquira consciência crítica de sua realidade por meio do sistema educacional, é primordial que o ensino ofertado seja pensado de forma a impulsionar os educandos a refletir e questionar o próprio sistema no qual está inserido. A sociedade tem suas raízes pautadas na opressão e na subalternidades de certos grupos sociais, esses foram descaracterizados como seres humanos e pensantes ao longo dos anos, tendo sua existência subjugada aos interesses e desejos de seus algozes.

A educação em um primeiro momento tem o papel de levar o sujeito a pensar sua condição enquanto parte integrante de um todo, dando subsídios teóricos e práticos para que os mesmos possam se ver como indivíduos únicos, críticos e transformadores de sua realidade.

De acordo com Lins et al (2022), a inferiorização do colonizado por parte do colonizador torna esse sujeito apático a sua realidade, essa passividade é pautada na transmissão de saberes e vivências eurocêntricas. Essa forma de ensinar é fundamentada na ideia que um pequeno grupo privilegiado é detentor de todo o conhecimento e os demais são desprovidos de inteligência e incapazes de aprender e conseqüentemente evoluir. “Forma-se a relação de dependência entre ambos os sujeitos do processo de educação, uma vez que os saberes do educando são totalmente inerentes àqueles que o educador lhe expõe” (LINS et al, 2022, p. 38).

Diante disso, é primordial romper com alguns paradigmas sistêmicos buscando estabelecer uma relação de trocas no âmbito educacional possibilitando que os educandos se desenvolvam criticamente, por meio de uma abordagem que evidencie sua cultura e os permitam desconstruir pré “conceitos” e ressignificar sua individualidade e ancestralidade.

Em síntese, a inevitabilidade de se debater a educação como forma de libertação, baseia-se na concepção que todos os seres devem libertar-se de suas amarras metafóricas, buscando alcançar livre arbítrio, esse por sua vez, está relacionado a capacidade de respeitar a singularidade e a pluralidade dos indivíduos, por meio do respeito e da empatia.

A desarticulação desse sistema tem como princípios básicos estimular a liberdade de grupos que foram e são discriminados, marginalizados e criminalizados por uma sociedade vestida de preconceito e olhares incriminatórios que estereotipa esses sujeitos com base em ideias e padrões simplistas e que não conduz com a realidade. Na concepção de Lins et al (2022, p. 39) “O papel educativo não é de influenciar a mudança política, mas unicamente conscientizar o educando sobre sua realidade social de forma a ele mesmo se tornar um sujeito ativo nas transformações sociais”.

No que tange o ensino de Geografia a educação anticolonial baseia-se na junção de dados por meio da construção da realidade e das lutas que relaciona-se com os processos históricos que tem como princípios básicos romper com o sistema capitalista. Nesse sentido, deve-se pensar



estratégias de ensino que lutem contra o colonialismo, ou seja, repensar fontes teóricas, tendo em vista, que diversas vezes não nos damos conta de nossas origens africanas, estamos ainda sobre a influência de subalternidade aos princípios eurocêntricos.

A ciência geográfica procura combater as ideias impostas pelas classes dominantes, em busca de melhores condições de vida, contudo, essas classes reforçam seu ponto de vista constantemente, uma vez que, propagam seu pensamento através da economia, da força e cultura. Nessa concepção, é necessário construir novas categorias de análise na Geografia, que possam mostrar os sujeitos não na condição de oprimidos, mas como indivíduos que resistem até hoje às mazelas do racismo, do machismo e de todas as violências e preconceito causadas pelos seus opressores.

Na visão de Barbosa (2020, p. 127):

A Geografia é uma ciência conservadora e a formação docente parte dos princípios colonialistas não poderemos reconstruir os fundamentos da educação para uma espacialidade anti-imperialista e anticolonial. As categorias e conceitos geográficos são instrumentos de poder para pensar e constituir a espacialidade de todos, desta maneira, a escola pela Geografia pretende controlar as formas de emancipação espacial ao mesmo tempo em que tem o controle da “fala” e da manipulação da realidade que é espacializada

Desta forma, a Geografia é um meio para se compreender as atrocidades exercida pelo colonizador, em contrapartida a ciência essa mesma ciência está muitas vezes limitada às atividades escolares e acadêmicas, não analisando e refletindo acerca das barbaridades visíveis nas classes dominantes e como sua intervenção influencia na construção do espaço geográfico.

### Considerações finais

Este trabalho procurou compreender como o ensino de geografia em uma perspectiva anticolonial pode e deve servir como ferramenta de enfrentamento da colonialidade empregando o ensino anticolonial como um dos conceitos idealizadores e estimuladores de transformações urgentes e necessárias em nossa sociedade. Propondo reverberações relacionadas ao enfrentamento da colonialidade por meio da práxis epistêmica em uma perspectiva anticolonial.

É importante destacar que o ensino de geografia desempenha um papel importantíssimo na luta anticolonial da nossa sociedade, contudo para que o processo anticolonial aconteça, se faz necessário o processo de anticolonização da práxis epistêmica. Isso pode ser iniciado por meio de pequenos movimentos como a adoção de produções locais dentro dos espaços escolares como





cinema, música, arte e até mesmo fotografias, facilitando a compreensão do lugar e, posteriormente, uma concepção de mundo. Empregue também uma visão de mundo crítica.

O ensino de geografia tem o poder de levar o sujeito a refletir sobre o mundo, então quando os professores trabalham para (re)produzir conhecimento a partir da valorização cultural, esse movimento pode levar ao surgimento de novos sujeitos que percebem que são o mundo e as forças transformadoras dentro dele. É preciso levar em conta que ensino anticolonial não é fácil, principalmente quando se trata da formação da educação brasileira, ela continua a perpetuar os ideais coloniais e ainda visa cultivar inteligência eurocêntrica.

No entanto, a geografia tem poder e potencial de luta anticolonialmente, podendo assumir o papel instrumental na descolonização do saber, possibilitando ver o mundo a partir de seu conhecimento influenciando no desenvolvimento de novos conhecimentos considerando diferentes raças, culturas, vozes, identidades, reconhecendo a diversidade do mundo. Além disso, entende-se que o processo de descolonização da ciência é demorado, difícil e lento enquanto continuamos sendo oprimidos pelo sistema e com isso pode ser difícil porque estamos envolvidos em suas demandas dia após dia.

Conclui-se que o ensino de geografia é uma das melhores maneiras de começar a descolonizar a educação, primeiro precisamos descolonizar as práticas de ensino, portanto, há a necessidade de trabalhar conteúdos que valorizem a diversidade de mundo, que valorizem todo o conhecimento gerado localmente, levando em consideração o conhecimento que vem daqueles que experimentaram a realidade para produzir conhecimento.

## Referências

ALBINATI, Mariana Luscher. Espacialização das Diferentes Expressões Culturais na Cidade. In: KAUARK, Giuliana; RATTES; Plínio; LEAL, Natalia (orgs.). **Um lugar para Os espaços culturais: gestão, territórios, públicos e programação**, Salvador, Edufba, 2019. Páginas 135 – 156.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Editora Vozes Limitadas, 2014.

AZEVEDO, José Roberto Nunes de. Teoria anticolonial e currículo escolar brasileiro. **Revista Eletrônica de Geografia**, v. 10, n. 2, p. 03-20. maio/ago. 2019.

BARBOSA, Tulio. **O que é Geografia Anticolonial?** Uberlândia, 2017. (mimeo.).

\_\_\_\_\_. A miséria da geografia escolar e a resposta anticolonialista. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 24, p. 114-127. jan./dez. 2020.





\_\_\_\_\_. Pandemia e fascismo: uma luta anticolonial parte 1. Presidente Prudente: **Cosmos**, v. 17, p. 6-19, 2020a. Disponível em: <<https://img1.wsimg.com/blobby/go/26fe1c05-bf31-423a-a4d9-a3156fa1d25d/downloads/a%20revista%202020.pdf?ver=1667147993661>> Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

\_\_\_\_\_. A miséria da geografia escolar e a resposta anticolonialista. Bauru: **Ciência Geográfica**, v. XXIV, p. 1-127, jan./dez. 2020b. Disponível em:<[https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV\\_1/agb\\_xxiv\\_1\\_web/agb\\_xxi\\_v\\_1-09.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxi_v_1-09.pdf)> Acesso em: 30 de jan. de 2023.

\_\_\_\_\_. Humboldt anticolonial. Observatorium: **Revista Eletrônica de Geografia**, v. 10, n. 3, p.3-17. set./dez. 2019. doi: <https://doi.org/10.14393/OREG-v10-n3-2019-58713>

\_\_\_\_\_. Críticas ao Ensino Pós-Moderno na Geografia: Por Que Dédalo Assassinou Talo e Construiu o Labirinto Para O Minotauro? **Revista de Ensino de Geografia**, v. 2, n. 2, p. 39- 62, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/art%203%20REG%20v2n2.pdf>> Acesso em: 30 de janeiro de 2023.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; REGIS, Kátia Evangelista; DA SILVA, Carlos Aldemir Farias. O lugar da educação das relações étnico-raciais nos projetos político-pedagógicos de duas escolas paraenses. **Revista Exitus**, v. 11, p. e 020129-e 020129, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2021v11n1ID1533> >.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**, v. 4, p. 67-89, 2008.

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior**. In: SOVIK, Liv (Org.), **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-48;

\_\_\_\_\_. **Quando foi o pós-colonial?** Pensando no limite. In: SOVIK, Liv (Org.), **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.p.95-122

\_\_\_\_\_. **Que “negro” é esse na cultura negra?** In: SOVIK, Liv (Org.), **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 317-332;

LINS, Bruno Teixeira et al. Papel da educação na luta anticolonial: um movimento contra - hegemônico dos direitos humanos. **Revista Educação - UNG-Ser**, v. 17, n. 1, p. 32-43, 2022.

OLIVEIRA, Kátia Luzia Soares; OLIVEIRA, Gracy Kelly Andrade Pignata. A educação freiriana pelas lentes do anticolonialismo e dos estudos pós-coloniais e decoloniais. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 57-68, jan./abr. 2022.



SUESS, R. C.; SILVA, A. de S. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 23, p. e7, 2019. DOI: 10.5902/2236499435469. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/35469>. Acesso em: 5 set. 2022.

TINO, M. J. S.; FERREIRA, E. **DECOLONIZAÇÃO DO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Revista de Comunicação Científica, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 37–44, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/5550>. Acesso em: 5 set. 2022

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina, PR: Eduel, 2012.

